

RAYZA FONTES



JOÃO LUIZ ARCANJO é presidente da Federação Capixaba de Surfe e incentiva jovens a praticar o esporte: “Procuro sempre fazer umas reformas nas pranchas velhas para doar ou vender bem barato e ajudar a galera que está começando”

A TRIBUNA COM VOCÊ EM DIVINO ESPÍRITO SANTO

Sucesso com a arte de fazer pranchas

João Luiz Arcanjo, 54, conhecido como Saqua, dedica-se à fabricação de peças que já foram para Portugal e os EUA

Rayza Fontes

Morador de Divino Espírito Santo, em Vila Velha, João Luiz Arcanjo, 54, acumula muitas histórias no bairro e experiência em um ofício pouco convencional, a fabricação de pranchas de surfe. Além de atender a todo o Estado, as pranchas feitas por João já conheceram as ondas de Portugal e dos Estados Unidos.

“A prancha é feita por etapas, começa com a modelagem, a pintura e depois tem a laminação, feita

com tecido e resina. Cada pessoa tem um tipo de prancha diferente indicada”, explicou ele, que é presidente da Federação Capixaba de Surfe há quatro anos.

O apelido de João é Saqua para a galera do surfe, por causa da praia de Saquarema (RJ), onde ele costumava surfar. Na família, é conhecido como João. Já com os colegas da Polícia Militar, mesmo aposentado é o Arcanjo. A fábrica, em homenagem ao apelido do surfista, ganhou o nome de Saquá Brasil.

Além de conciliar as atribuições de presidente da Federação Capixaba de Surfe com a produção da Saquá Brasil, João Luiz também tem a preocupação de ajudar os novos nomes do esporte.

“Tem muito surfista carente, eu gosto e acho importante ajudar. Eu procuro sempre fazer umas reformas nas pranchas velhas para doar ou vender bem barato e ajudar a galera que está começando e não

tem condição de ter os equipamentos”, contou.

Outra atribuição do fabricante de pranchas é manter os campeonatos de surfe acontecendo no Estado e incentivar os esportistas na prática.

“Os surfistas capixabas estão em ascensão nos rankings nacionais e internacionais. Entre indas e vindas, já fui diretor, vice-presidente, diretor técnico e vários outros cargos na federação em 35 anos. Aprendi a surfar aos 12 anos e sempre estive ligado ao esporte de alguma forma”, contou.

Ele começou a fazer as pranchas há 20 anos, quando parou de surfar. São em média 15 peças por mês, especialmente para os amigos. Aproveitando a moda do stand-up paddle (remada em pé sobre a prancha), a Saquá Brasil também fabrica peças próprias para o esporte. A oficina fica na Rua Ernani de Souza, número 623.

HISTÓRIA DO BAIRRO

Nome de santo

> **O NOME DO BAIRRO** Divino Espírito Santo foi escolhido pelos moradores por motivos religiosos. Antes, o bairro já foi chamado pelos residentes de Bairro das Trevas, Toca e Cruz do Campo.

> **UM PONTO** positivo do bairro é a oferta de infraestrutura: próximo a faculdades, hospital e ao Terminal de Vila Velha, do Transcol.

> **A CONSTRUÇÃO** recente de prédios comerciais na região tem contribuído para a valorização imobiliária do local, que já conta com aproximadamente 9 mil moradores.

> **EXISTE** um projeto para que o nome do bairro mude para Nova Itapuã.

Fonte: Moradores do bairro e região.

COMO FAZER CONTATO

Sugira uma reportagem

Os moradores de Divino Espírito Santo, em Vila Velha, podem sugerir reportagens e fazer reivindicações sobre o bairro no e-mail atcomvoce@redetribuna.com.br. Quem mora em outro bairro pode usar o mesmo endereço para sugerir uma visita do projeto ao local.

AS RECORDAÇÕES

RAYZA FONTES



Manguezal

Na região em que foi construído o Shopping Vila Velha, de acordo com a moradora Marly Barbosa da Silva, 57, existia uma grande lagoa. As ruas do bairro eram resquícios de manguezal.

Moradora de Vila Velha, no bairro Divino Espírito Santo, desde que nasceu, ela contou que a primeira casa em que morou era de estuque, feita de madeira e barro.

“O bairro evoluiu, hoje é asfaltado e não existem mais casas de madeira ou manguezal”, lembrou ela.

MARLY sempre morou na região

RAYZA FONTES



ADILSON: “Bairro cresceu muito”

Cerca de madeira

O mestre de barcos aposentado, atualmente comerciante, Adilson Bandeira das Neves, 74, mora em Divino Espírito Santo há 50 anos. Nascido em Guarapari, morou em Governador Valadares (MG) e na Praia da Costa antes de chegar ao bairro e se deparar com casas com cercas baixas de madeira, ruas de barro e falta de água e energia.

“Nas ruas só passavam carroças, as casas de madeira ficavam no meio do pasto, separadas por cerca de madeira, sem água encanada ou energia elétrica. O bairro cresceu muito, mas ainda pode melhorar”, disse ele.